

Era uma vez em Marselha

O criador francês Joël Pommerat tem uma relação de décadas com o público de Almada, que tem visitado na sequência das digressões que realiza um pouco por todo o Mundo. Considerado um ‘autor de palco’, Pommerat escreve as peças que leva à cena, invariavelmente, em conjunto com os seus actores. Foi assim em 2011, quando trouxe ao Festival *Círculos/Ficções*. Desde aí, quer se tratasse da revisitação de textos para a infância (*Pinóquio*, apresentado no Centro Cultural de Belém, ou *O capuchinho vermelho*, no Teatro Municipal Joaquim Benite), quer de algumas das montagens singulares, que lhe valeram o epíteto de ‘mago do palco’ (*A reunificação das duas Coreias*), a presença de Pommerat em Almada constituiu invariavelmente um acontecimento. *Marius*, que criou a partir de uma peça de Marcel Pagnol, resultou do seu encontro com um homem que cumpria uma pena de longa duração — e que acabou por tornar-se num dos intérpretes do espectáculo e num seu actor dilecto.

Ao tomar uma grande liberdade em relação à peça original de Pagnol, rescrevendo-a e trazendo-a para os dias de hoje, Joël Pommerat e a sua equipa não poderiam ter sido mais fiéis ao enredo fundamental do texto. Extirpada da época em que foi escrita, nos anos 20 do século passado, a peça acaba por ganhar a dimensão de um conto, orientando-nos o olhar para as interrogações essenciais e atemporais da dimensão humana, através de situações simples: o que significa ‘vencer na vida’? Será que o amor existe? Dever-se-á ouvir o apelo do mar? A história da criação de *Marius*, na versão de Pom-

merat, tem várias etapas — e mais de uma década. Em 2014 Jean Ruimi deu entrada na Prisão de Arles, na Provença, destinada a prisioneiros com penas longas. Uma vez que já tinha passado anteriormente por uma experiência teatral com detidos, este homem declara desde cedo que gostaria de montar um texto escrito por si próprio. Com o acordo dos directores do estabelecimento, Ruimi iniciou o seu projecto, ao qual vieram juntar-se, posteriormente, Joël Pommerat e Caroline Guiela Nguyen: em Dezembro desse ano estreava-se *Desordens de um futuro passado*.

Foi esta a génese para a criação que se seguiria: a primeira versão de *Marius* subiu ao palco em 2015, também nessa prisão, já com

Pommerat acompanhando o processo de ensaios desde o início, e com a sua Compagnie Louis Brouillard levando a cabo a criação de figurinos, som e cenografia. Após essa primeira carreira de representações, tornou-se claro o desejo de representar a peça fora de um contexto prisional, o que passou a ser possível só a partir de 2023, quando vários dos intérpretes do elenco inicial foram libertados. Estreado em Março de 2024 em La Rochelle, este espectáculo encontra-se em digressão desde aí, tendo o *Le Monde* sublinhado que “os intérpretes revelam uma verdade arrebatadora, sem qualquer tipo de artifício”.

Amanhã e Segunda-feira no Teatro Municipal Joaquim Benite.



© Agathe Pommerat

As feridas do franquismo

El mar – visión de unos niños que no lo han visto nunca é o espectáculo de ‘teatro de objectos’ que o dramaturgo e poeta Alberto Conejero López — que este ano dirige a formação *O sentido dos Mestres*, a partir de Segunda-feira — co-criou com Xavier Bobés, e que se tornou instantaneamente num sucesso no país vizinho: “Um belo espectáculo, que revive a História de um dos muitos professores fuzilados pelo franquismo”, escreveu o diário *El País*.

Estamos no Outono de 1934: o jovem professor catalão Antoni Benaiges chega à escola de Bañuelos de Bureba, uma aldeiazinha de Burgos. Poucos meses depois, paga do pró-

prio bolso um gramofone e uma impressora rotativa bastante rudimentar. Na sua aula, as crianças passam a poder escrever e a imprimir as suas emoções e os seus sonhos. Ganham uma voz, que até aí não tinham tido.

E em Janeiro de 1936 surge *El mar – visión de unos niños que no lo han visto nunca*, um livrinho que continha “em formato de verso, as expressões dos alunos para descrever o mar: os seus medos e os seus sonhos”. Nenhum daqueles meninos tinha algum dia visto o mar, e o professor promete-lhes que nesse Verão há-de levá-los à Catalunha, para que o conheçam. Mas a 25 de Julho é fuzilado. A sua promessa nunca chegou a cumprir-se.

A partir de amanhã e até dia 17 na Academia Almadense.



© David Ruano

O Festival visto de fora Teatro de topo



© Pedro Castanheira

Já vi um malabarista fazer reviegas à Johan Cruyff enquanto atirava ao ar umas bolinhas mais pequenas do que bolas de ténis (*S'assurer de ses propres murmures*), e a tempestade de Shakespeare feita com marionetas, com papéis de figurante para figuras de Pierrot. No Teatro Municipal Joaquim Benite, vi a brutalidade em cena (necessária e dentro das fronteiras daquilo que é apropriado, dada a mensagem da peça) na *History of Violence*, de Thomas Ostermeier. Tem sido cá uma mistura! Tive de escolher entre vir a Almada ou cobrir a Taça do Mundo de futebol a passo, para veteranos, na Suécia. E a decisão não foi fácil. Ainda bem que preferi vir a Almada, onde tenho visto teatro verdadeiramente de

topo, de vários géneros, e onde entrevistei o responsável pela comunicação do Festival, Miguel Martins. Fiquei a intuir alguma coisa da vossa língua; fica a meio caminho entre o francês e o espanhol, mas quando se acha que já se percebeu uma palavra, descobre-se logo um *false friend* ('amigo enganador?').

Aprendi quem foi Camões, e de que modo se relaciona com Shakespeare. O Miguel até me explicou a métrica dos versos utilizados pelo Poeta. Se deixarem ficar o piano no palco da Esplanada, esta noite até sou capaz de tocar umas notas — e correr com toda a gente dali!

JEREMY MALIES, in *Plays International* (Reino Unido)

Um legado a manter

Amanhã pelas 20h teremos a oportunidade de ouvir na Esplanada música tradicional portuguesa. As Fio à Meada são um grupo de mulheres que nos apresentam canções e modas de todo o País, ligadas às mulheres que eram lavadeiras, ceifeiras, mondadeiras e, principalmente, mães. Este legado foi deixado por mulheres que passavam grande parte do tempo a cuidar dos seus filhos, ou nos seus ofícios. Para acompanhar as suas vivências e a dureza dos seus dias, criaram estas melodias.

Sobre a memória como lugar da ficção

Costuma dizer-se que boda molhada é boda abençoada. E ontem a chuva, que já tinha ameaçado, entrou mesmo em cena, abreviando o Colóquio na Esplanada. Mas mesmo sem as perguntas do público, na parte final da conversa, o que se ouviu é o bastante para falarmos de um espectáculo abençoado.

A *colônia*, de Marco Martins - em cena na Culturgest, até domingo - transporta o peso da memória como o grande lugar da ficção, recuando ao período da ditadura e à vivência de um grupo de crianças privadas de infância. Os actores, os últimos a chegar ao projecto, foram convocados para ajudar a contar as histórias. Sara Carinhas fala-nos duma "pedagogia íntima da memória" ao recordar esses primeiros passos, "percorrendo o caminho dos afectos, tacteando coisas, recebendo histórias tão generosas". Esse exercício de partilha, esse salto do real para a ficção, essas tantas camadas a que Marco Martins já nos habituou, são simultaneamente um lugar de fala e um lugar de escuta.

1972, Caldas da Rainha, uma colônia de férias

é criada para filhos de presos políticos. Conceição Lopes havia de escrever: "estes meninos trazem o medo nos olhos". Tinha 21 anos, era uma das monitoras dessa colônia, e agora sobe ao palco, reencontrando os olhos dos meninos de que cuidou. Num diário, registou as palavras que não podia dizer: "Tive muitas vezes vontade de chorar, mas não podia dar audiência ao desgosto. Agora sim, todos os dias eu precisei de chorar. As cicatrizes estavam cá e abriram. E ainda bem!"

E nisto, a chuva miudinha começou a cair. Soube a pouco a conversa interrompida numa história que envolvia pides e patos.

TERESA DIAS MENDES



© Pedro Castanheira

Agenda de Amanhã

AS AVES
CCB — 17H00

A COLÓNIA
Culturgest — 17H00

EL MAR—VISIÓN DE UNOS NIÑOS QUE NO LO HAN VISTO NUNCA
Academia Almadense — 18H00

FIO À MEADA
Esplanada — 20H00

MARIUS
TMJB — 21H30

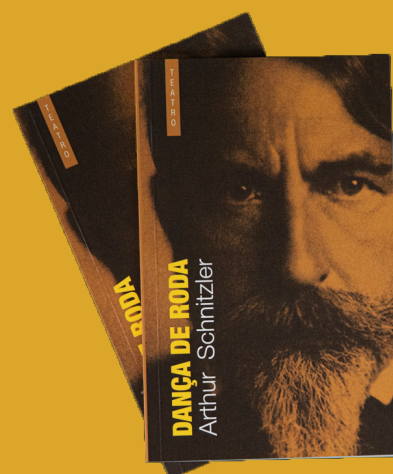
MONÓCULO, RETRATO DE S. VON HARDEN
Fórum Municipal Romeu Correia
21H30

Restaurante da Esplanada

HOJE
Lasanha de carne
Peixe frito com arroz de grelos
Arroz *thai* com feijão e aipo

AMANHÃ
Ervilhas com ovos escalfados
Bacalhau à Zé do Pipo
Rancho *vegan*

O Livro do Dia



2€ nas bancas do Festival